



---

ARTIGOS - ARTICLES

---

**Projetos distintos: Leituras sobre Edith Stein no Brasil no  
início do século XX**

**Danilo Souza Ferreira<sup>1</sup>**  
Doutorando em História  
Universidade Federal de Ouro Preto  
[danilosf1901@hotmail.com](mailto:danielosf1901@hotmail.com)

Como citar este artigo: FERREIRA, D.S. “Projetos distintos: Leituras sobre Edith Stein no Brasil no início do século XX”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº13, pp. 181-195. 2022. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa-

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo apresentar as leituras biográficas da religiosa e fenomenóloga Edith Stein no Brasil, a partir de três eixos. O primeiro aborda o livro de Ana Maria Nabuco sobre Edith Stein. O segundo discorre sobre o mercado editorial brasileiro no início do século XX. E o terceiro expõe o trabalho de tradutor de Manuel Bandeira, na peça Edith Stein na Câmara de Gás do religioso argentino Gabriel Cacho. Demonstrando assim como buscaremos descrever neste artigo, o primeiro momento da recepção biográfica de Edith Stein foi desenvolvido por intelectuais não pertencentes a ordens religiosas oficiais, mas, sim, ao movimento católico leigo do Centro Dom Vital e do campo das artes em especial do teatro.

**Palavras-chave:** Edith Stein. Manuel Bandeira. Recepção Biográfica, Imprensa. Mercado Editorial.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Mestrando em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Graduado pela Universidade Federal de Ouro Preto Licenciatura e Bacharelado. Membro do NEHM - Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade e da Red-Latino Americana História Pensada e membro do The International Association for the Study of the Philosophy of Edith Stein (IASPES)

*Distinct Projects: Readings on Edith Stein in Brazil in the early 20th century*

**Abstract:** This article aims to present the biographical readings of the religious and phenomenologist Edith Stein in Brazil, from three axes. The first one approaches the book by Ana Maria Nabuco about Edith Stein. The second discusses the Brazilian publishing market at the beginning of the 20th century. And the third exposes the work as a translator of Manuel Bandeira, in the play *Edith Stein na Câmara de Gás* by the Argentinian religious Gabriel Cacho. Demonstrating how we will try to describe in this article, the first moment of Edith Stein's biographical reception was developed by intellectuals not belonging to official religious orders, but rather the lay Catholic movement of Centro Dom Vital and the field of arts, especially theater.

**Keywords:** Edith Stein. Manuel Bandeira. Biographical Reception. Press. Publishing Market.

O interesse pela obra de Edith Stein no Brasil se deveu primordialmente à sua trajetória de vida. Juntamente a essa predileção e ao projeto de recatolização do Brasil através do campo cultural desenvolvido a partir dos anos 30, foi escrita a primeira biografia da filósofa no Brasil, no ano de 1955, por Maria Anna Nabuco, cuja família, aliás, tinha o movimento católico como uma preocupação geral, como pode ser percebido pela entrevista do irmão de Maria Anna e embaixador brasileiro em Roma, Maurício Nabuco:

No Brasil só têm havido golpes de estado. Revolução, só houve uma, e grande: a de 13 de maio de 1888, isto é, a abolição da escravatura. Dela nasceu a liberdade de trabalho no nosso país. Depois disso, foram só o que Eduardo Prado chamava de 'ilusões gráficas'. A gente muda as constituições e pensa que as coisas mudaram, mas elas continuam as mesmas. Isso porque o brasileiro acredita na letra e não no espírito. (...) Na cultura o Brasil funciona muito mal, considerando a largueza com que Deus Nosso Senhor nos abençoou. E isso provavelmente é devido ao fato de não ter o progresso cultural acompanhado a nossa explosão demográfica. A cultura decaiu muito desde o começo do século (NABUCO, 1968, p. 33).

É nesse sentido de restauração cultural apontada por seu irmão Mauricio é que Maria Anna Nabuco buscara atuar, apesar de ter desenvolvido trabalhos importantes na área da tradução de obras de caráter confessional, como o livro *Retiro Espiritual sobre as Qualidades e Deveres do Cristão* (NABUCO, 1945, p. 78), do teólogo Jean Grou, editado pela Editora Vozes, de Petrópolis. No entanto, Maria Anna Nabuco ficou eclipsada pelos outros membros da

família, como por sua irmã e escritora Carolina Nabuco e, principalmente, por seu pai, o político abolicionista Joaquim Nabuco. Isso aconteceu a despeito de ela ter desenvolvido um trabalho rico como tradutora, especialmente de biografias.

Assim, acreditamos que, a partir da descrição da família Nabuco, podemos nos aproximar da escritora Maria Anna Nabuco, como aponta Pedro Nava no livro *O Círio Perfeito* ( NAVA, 2004, p. 348). Nele, Nava narra suas memórias durante o período de 1930 a 1940, em um desses momentos em que acompanhou Afonso Arinos de Melo Franco em uma viagem à Europa, onde se encontrou com José Tomás Nabuco e, através dele, conheceu as irmãs Maria Anna e Carolina, enquanto estas viviam nos Estados Unidos, quando Joaquim Nabuco foi embaixador em Washington.

O interesse de Maria Anna Nabuco pelo universo intelectual católico pode ser compreendido a partir das experiências religiosas de seu pai – do ateísmo à conversão ao Catolicismo, ou, como Luiz Paulo Horta denomina, “reconversão nabuconiana”.

Dessa forma, ao retornar ao Brasil sobre influência da reconversão do seu pai ao Cristianismo, Joaquim Nabuco é uma das inspirações para que a sua filha Maria Anna Nabuco tenha se aproximado da tarefa intelectual de traduzir as recentes obras confessionais para as Editoras Agir e Vozes, ligadas à Igreja, bem como da de escrever sobre religiosos, como foi o caso de sua biografia sobre Edith Stein.

Para os professores Tommy Akira Goto e Aparecida Turolo Garcia ( GOTO, 2012, p. 4.), o livro *Edith Stein – Convertida, Carmelita, Mártir*, publicado pela Editora Vozes, mesmo com o interesse editorial de cunho religioso católico, pode ser considerado a primeira obra publicada para o público geral em língua portuguesa que tratou de Edith Stein e, conseqüentemente, da corrente fenomenológica em 1955. Tendo isso em vista, para compreender o impacto da obra, buscaremos apresentar uma breve descrição da recepção dos trabalhos do fundador do movimento fenomenológico, Edmund Husserl, pois, apesar de terem sido produzidos anteriormente à biografia de Stein de Maria

Ana Nabuco, os escritos sobre o pensamento de Edmund Husserl foram, em sua maioria, dirigidas aos campos da Filosofia acadêmica e da Psicologia.

Assim, podemos compreender que, no ano de 1955, quando Ana Maria Nabuco escreveu sua primeira biografia sobre Edith Stein no Brasil, já haviam se desenvolvido uma recepção e um conhecimento acadêmicos das obras de Edmund Husserl; porém, na obra de Nabuco, como apontam Tommy Akira Goto e Jacinta Aparecida Garcia, os trabalhos husserlianos são traduzidos livremente para o português, como, por exemplo, a obra *Investigações Lógicas*, constante na biografia como *Pesquisas Lógicas*, como podemos perceber:” Para Edith a proposta foi ouro sobre azul. rasgavam-lhe os horizontes, pois a escola de filosofia de Goettingen era chefiada pelo eminente filósofo Husserl, cuja obra ‘Pesquisas Lógicas’ já começava a empolga-la.”.

Poderíamos pressupor que esse desconhecimento de Maria Anna Nabuco poderia ser uma característica da reclusão da tradutora, que buscava compor seu acervo intelectual a partir de obras de cunho religioso católico, além do fato de que a recepção das obras de Edmund Husserl se deu, em sua grande maioria, no meio acadêmico especializado.

Como é visto em uma reportagem do Jornal do Brasil, na edição de outubro de 1982 *Sociedade Brasileira – Como Entrar no Rol dos Colunáveis (Ou Dele Sair)*, o colunista Gabriel Henrique descreve os membros do livro *Sociedade Brasileira* daquele ano e aponta que, a despeito da escolha pelo recolhimento feita por Maria Ana Nabuco, ela continua presente no livro:

Mas isto não é suficiente, assim como muito dinheiro, embora facilite o trânsito social, pode não bastar. Capaz de assinar um cheque de Cr\$ 10 bilhões e alguns milhões – como acaba de fazê-lo, e com fundos, o Sr. Naji Nahas não faz parte do livro. Mas a Sra. Maria Ana Nabuco, filha de Joaquim Nabuco, que há anos praticamente não sai de casa, aparece em todas as suas edições. (HENRIQUE, 1982, p. 7).

O livro *Edith Stein – Convertida, Carmelita, Mártir*, de Ana Maria Nabuco, é organizado em dois eixos principais. No primeiro, “No Mundo”, estão descritos o período da infância, o estudantil e o acadêmico em Breslau e Gottingen; no segundo, “No Claustro”, é descrita a sua vida como irmã carmelita, com enfoque na sua produção intelectual como religiosa. Talvez pela

escolha de ser um texto de caráter apologético, a biografia não possui, ao longo das suas 125 páginas, nem notas de rodapé nem as referências bibliográficas consultadas; todavia, como apontam Tommy Akira Goto e Aparecida Turolo Garcia, a sequência proposta se aproxima do texto autobiográfico de Edith Stein *Vida de uma Família Judia*. Um dos pontos ressaltados pelas autoras é a descrição do diálogo desenvolvido por Stein e Adolfo Reinhart no momento em que este aceita a autora no círculo fenomenológico de Göttingen:

“Saí da entrevista, conta ela, contente e muito grata pela bondade com que Reinach me acolhera. Que parentes e velhos amigos me mostrassem afeto, nada de mais natural, mas aqui havia algo de diferente. Era como um primeiro relance num mundo novo para mim” (...). “Leu as Pesquisas Lógicas?”, indagou entre surpreso e admirado. “Mas isto é ato heroico”, disse, e, sem hesitar, matriculou-a na sua classe de alunos escolhidos. Animada com a distinção, Edith mergulhou mais a fundo no estudo da Fenomenologia.(NABUCO, 1955, p. 20).

A apresentação de Stein como uma intelectual judia que se converteu ao Cristianismo é um dos traços constantes nas obras de recepção do pensamento de Edith no Brasil durante o período de 40-50, como podemos perceber no artigo da revista *A Ordem* “Sor. Teresa Benedita da Cruz”, de 1948, escrito por Alceu Amoroso Lima, e posteriormente na tradução do artigo “Edith Stein, Mártir, Judia e Cristã”, escrito por Hedwig Michel na revista chilena *Estudios* de maio de 1950. Este último foi traduzido em 1952; todavia, em ambos os artigos, assim como na biografia de Maria Ana Nabuco, o Judaísmo é associado à atmosfera intelectual responsável pela formação acadêmica de Stein:

Aliás, a atmosfera que se respirava no velho casarão (...) era inconfundível: quem entrasse recebia como um bafo de judaísmo, e dava logo com quadros, tapeçarias e estatuetas representando cenas ou figuras bíblicas. Menina precoce, cedo tomou gosto pela leitura, prenúncio de uma vocação marcada para os altos estudos, rara numa mulher. Seu irmão mais velho Paulo, gostava de tomar a pequena nos braços e, enquanto passeava com ela pela sala, de insuflar-lhe – na idade em que as meninas sonham com bonecas – os nomes dos poetas de sua terra, e receitar-lhe aos ouvidos versos que ela aprendia sem esforço. Ensinou-lhe, também, brincando, os rudimentos da História, encontrando sempre nela uma inteligência alerta.(NABUCO, 1955, p. 11).

Outro ponto de aproximação é o destaque para a formação intelectual de Edith Stein, que, para Maria Ana Nabuco, foi desenvolvida a partir da *Bildung* desde a sua infância, sobretudo através de seu irmão. A forte influência

dele, aliás, foi fundamental para a escolha da jovem Edith Stein pelas Humanidades, em especial pelas disciplinas de Germanística, História e Filologia na Universidade de Breslau. Posteriormente, Stein frequenta as disciplinas de Filosofia, ministrada por Richard Höningwald, e de Psicologia Experimental, ensinada por Louis Wiliam Stern, quando, oportunamente, os escritos de Edmund Husserl lhe foram apresentados, como afirma Alasdair Macintyre no prólogo de seu livro *Edith Stein: A Philosophical Prologue 1913-1922* (MACINTYRE, 2006, p. 13):

Edith Stein, delicada e atraente, modesta e dinâmica, destaca-se tanto pelos dotes pessoais que foram o seu quinhão como pelos altos estudos que lhe empolgaram a inteligência, e pela espiritualidade profunda que lhe cunhou indelevelmente a alma. (NABUCO, 1955, p.11)

Desde a apresentação, Edith Stein foi descrita por Maria Ana Nabuco como uma figura ambígua, pois é descrita como, por um lado, uma mulher intimista, próxima da família judaica de Breslau e acostumada com o serviço doméstico e, ao mesmo tempo, por outro lado, como a mulher vocacionada para o mundo do trabalho, em especial para o campo da Filosofia, motivo por que se afasta da família para estudar em Gottingen. Outro elemento que reforça essa concepção ambígua de Edith Stein, para Maria Anna Nabuco, é a sua relação com a ciência filosófica, que a princípio é interpretada como o campo que a afastava da dimensão espiritual da vida e concomitantemente como o caminho que a levaria a conversão ao Catolicismo através dos estudos acadêmicos.

A professora Angela Alles Belo descreve que um dos tópicos mais importantes na filosofia de Stein é a busca por harmonia, que “se manifesta fortemente no âmbito da reflexão filosófica”( BELLO, 2009, p. 5), no qual os fenômenos históricos e sociais que estariam em conflito poderiam ser compreendidos como uma forma de conciliação e de mediação dos conflitos da relação entre os judeus e os cristãos no período em que Edith viveu:

Filha que era de dois povos antagônicos, alemã de nascimento e israelita de raça, Edith trazia em si o sinal de contradição e sofreu choque violento quando a pátria onde nascera se ergueu contra o sangue que lhe corria nas veias, obrigando-a, numa luta cruel, a renunciar à sua terra e morrer pela sua gente, como vítima inocente e cruenta de uma e de outra. (NABUCO, 1955, p. 5).

Há também elementos hagiográficos, isto é, elementos que descrevem experiências através de eventos sobrenaturais e místicos, como, por exemplo, quando Maria Anna Nabuco descreve o início da vida de Edith Stein, marcado pela morte de seu pai por insolação na Silésia:

Edith tinha nove meses quando o pai morreu, subitamente, por uma insolação. As névoas baixaram nesse dia sobre o berço da menina, como a marca-la, desde cedo, com o sinal da Cruz. A jovem mãe, até então despreocupada e alegre, viu-se, de um momento para outro, viúva com poucos recursos, desamparada e imersa na dor. (NABUCO, 1955, p. 75).

As informações hagiográficas, compreendidas aqui como uma visão teleológica da biografia da intelectual, são utilizadas por Anna Maria Nabuco como alterações de elementos naturais, tal qual a névoa sobre o berço, os quais serviriam de sinal antecipatório dos sofrimentos e os martírios nos campos de concentração em Auschwitz. O mesmo acontece quando a jovem Edith Stein decide abandonar a faculdade de Breslau para se transferir em Gottingen:

O acaso feliz, ou a mão da providência, levou um primo de Edith, Ricardo Courant, médico e filósofo, a Goettingen, onde exerceria o magistério. Casara-se, havia pouco, e sua jovem esposa sentia-se isolada nesse meio estudantil, onde os elementos femininos eram poucos e esparsos. Lembrou-se ela então de sugerir a vinda de Erna e de Edith, de quem era amiga, e que, além de se aproveitarem na Universidade, das grandes facilidades para os estudos superiores, lhe fariam companhia. (...). Ela, porém, não enxergava os longes do caminho que livremente escolhera, pois Deus lava as almas, sobre as quais tem desígnios especiais, por veredas excepcionais. Esses conhecimentos abstratos cuja sede a devorava levaram-na, cada vez mais, num encadeamento providencial, ao conhecimento de Deus. (NABUCO, 1955, p. 16).

Wilson Martins, no livro *História da Inteligência Brasileira*, (MARTINS, 2010, p. 11) descreve que, durante as décadas de 1940 e 1950, um grande incentivo ao mercado editorial, que se buscava se legitimar como campo de produção intelectual, motivou que muitos intelectuais se ocupassem de obras estrangeiras traduções. De maneira semelhante, José Paulo Paes, no livro *Tradução, a Ponte Necessária*, descreve que é somente no século XX, a partir dos anos 30, que se cristalizaram as condições necessárias para o exercício da tradução literária como atividade profissional, isto é, esforços como o da Editora Agir e o da Editora Vozes, em resposta ao crescimento do público leitor:

Décadas de 1940 e 1950, quadra em que, no dizer de Wilson Martins, o grande “volume de traduções dava consistência à vida literária e, além da receptividade psicológica para os livros brasileiros, assegurava a consolidação da indústria editorial”, a Editora Agir, do Rio, que lançava os grandes autores brasileiros da época, também incrementou a sua linha de traduções, confiando-as a editados seus, autores do porte de Gastão Cruls, Manuel Bandeira, Raquel de Queirós, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Otávio de Faria, Lúcio Cardoso, Rubem Braga, Genolino Amado etc. (PAES, 1990, p. 29).

Como indicado por Paes, não apenas a Editora Vozes, como também a Editora José Olímpio se utilizou dos trabalhos de tradução de Manuel Bandeira, que começou a exercer a atividade de tradutor inicialmente por necessidade econômica – ou, como ele próprio define, “por dever do ofício” (BANDEIRA apud WANDERLEY, 1988, p. 8) –, em seguida adquirindo gosto pelo trabalho. Ainda conforme Paes, o que possibilitou a Bandeira a carreira de tradutor foi inicialmente sua formação acadêmica, já que, no Colégio Dom Pedro II, cursou aulas de francês, inglês, alemão e espanhol, idiomas que aprendeu na escola (PAES, 1990, p. 29), local onde também desenvolveu o interesse pela literatura e pelo teatro:

Manuel Bandeira, cujos oitenta anos estão sendo objeto de festas em todo o Brasil, tem muito o que ver com o teatro. Não que haja escrito uma só peça: ao que parece nunca se sentiu tentado a isso. Mas traduziu várias, inclusive algumas obras-primas da dramaturgia universal. (...) As últimas traduções foram ainda para a Vozes, que as lançou na coleção vozes da Ribalta, no ano passado: *Os verdes campos do Eden*, de Antônio Gala, e *Edith Stein na Câmara de Gás*, de Frei Gabriel Cacho, estando para sair do prelo. O poeta é ainda, espectador de primeira fila, nos melhores espetáculos do Rio. Quando se representa: *Quem tem medo?*, de Virginia Wolf, ou *Depois da queda*, peça de Nelson Rodrigues ou de Jorge Andrade, lá está na plateia, pronto para aplaudir o trabalho dos técnicos e dos artistas o criador admirável de Pasárgada e outras fontes de poesia. (CAVALCANTE, 1966, p. 3).

Podemos compreender que a carreira de Manuel Bandeira como tradutor começou quando ele foi contratado pela agência de notícias United Press, atuando a princípio como suplente na tarefa de traduzir telegramas do inglês e do espanhol. À época, tinha como “colegas de trabalho Sérgio Buarque de Hollanda e Vergílio Várzea” e “conseguiu fazer até 700 mil réis por mês sujeitando-se a plantões noturnos. Isso por volta de 1933”. (PAES, 1990, p. 59). Pouco tempo depois, profissionalmente, através da recomendação do jornalista Rui Esteves Ribeiro de Almeida Couto, a Editora Civilização

Brasileira contrata Bandeira para a sua primeira tradução de um tratado de doenças hepáticas. Posteriormente, ele conseguirá mais trabalhos tradutórios, os quais abrangem desde biografias e narrativas de viagem até obras de cunho científico.

Como descreve Paes, as traduções comerciais, que representavam o enfadonho para Manuel Bandeira, porque não traziam um estímulo intelectual, foram se transformando no prelúdio de “gratuidade brincalhona” (PAES, 1990, p. 59): o autor buscou desenvolver a tradução como um espaço de autocriação, por meio do qual buscava não apenas reproduzir a obra original, mas também participar dela mediante a escolha das palavras. Podemos perceber esse exercício na obra *Itinerário de Pasárgada*, em que, segundo Célia Prado, temos a formulação das primeiras elaborações acerca das ideias sobre tradução concebidas pelo escritor, apesar de não ser possível dizer que Bandeira tenha formulado uma teoria da tradução, mas, sim, uma reflexão sobre essa atividade, partindo de sua práxis. (PRADO, 2011, p. 158). Assim, temos nessa obra as primeiras considerações sobre a tradução, em especial sobre poesia, que ele considerava um ramo da escrita literária intraduzível, a despeito de ter traduzido algumas. Em resposta aos elogios feitos por Abgar Renault sobre as traduções dos poemas ingleses – em especial os de Elizabeth Barrett Browning e de Emily Dickinson –, aliás, Bandeira destacou o conhecimento das nuances da língua original e as proximidades com a língua-alvo, aspectos que lhe permitiam observar as especificidades dos textos traduzidos (RENAULT, 1986, p. 25):

Gostaria que fosse verdade o louvor tão lisonjeiro do meu querido amigo Abgar. Mas devo confessar que sou bastante fundo no inglês. Fundo no sentido que a palavra tem na gíria. Todas aquelas soluções julgadas tão felizes pelo crítico, por mais cavadas ou sutis que pareçam, devem se ter processado no subconsciente, porque as traduções me saíram quase ao correr do lápis. Antes houve, sim, o que costumo fazer sempre quando traduzo: deixar o poema como que flutuar por algum tempo dentro do meu espírito, à espera de certos pontos de fixação. (BANDEIRA apud PAES, 1990, p. 58).

Podemos perceber, pois, uma heterodoxia na escolha das traduções de Manuel Bandeira, desde a difusão de autores desconhecidos no Brasil da época, como Christina Rossetti, Elizabeth Browning, Emily Dickinson, Gabriel Garcia Lorca, até o próprio frei Gabriel Cacho. Assim como afirma José Paulo

Paes a postura de Bandeira em relação à função de tradutor, modifica-se para uma “intuição criadora”, isto é, o escritor passa a escolher aqueles textos por que tem mais admiração, como afirmou o próprio Manuel Bandeira: “os poemas que gostaria de ter feito”. (PAES, 1990, p. 29).

A fascinação de Manuel Bandeira pelos poemas que traduziu também ocorreu nas peças dramáticas que escolheu verter, como podemos perceber na apresentação das feitas por Bandeira e citadas na edição de *O Jornal* de 31 de dezembro de 1965, na coluna *Drama*, escrita por Valdemar Cavalcante:

A faina de Manuel Bandeira tradutor foi iniciada em 1955 com a tradução de *Maria Stuart*, de Schiller, depois em 1956, com *Macbeth*, de William Shakespeare, e *La Machine infernale*, de Jean Cocteau em 1957 *June and the Paycock* de Dean O’Casey e *Auto do Divino Narciso* de Juana Inês de la Cruz em 1959 *The Matchmaker* de Threnton Eilder, em 1960, *Dom Juan Tenório* de Zorrilha em 1964, *O advogado do diabo* de Morris Wert e finalmente o ano passado com *Os verões campos do Eden* de Antonio Gallo e *Edith Stein na câmara de gás* de frei Gabriel Cacho. (...). Neste ano da graça de 1996, essa pobre homenagem desta coluna ao pernambucano Manuel Bandeira, honra e glória da poesia nacional e autêntico homem de teatro. (GOTO; GARCIA, 2012, p. 3).

Como descreve Valdemar Cavalcante na coluna “Drama”, além de escritor, a função de tradutor transformou Manuel Bandeira em um “homem de teatro”, processo concretizado, por exemplo, em sua tradução, em 1965, da peça teatral *Edith Stein na Câmara de Gás*, de Gabriel Cacho. Vale lembrar, a propósito, que, para os professores Tommy Akira Goto e Aparecida Turolo Garcia (GOTO; GARCIA, 2012, p. 3) é notória a participação de Bandeira para a boa recepção da referida peça de teatro no Brasil:

*Edith Stein na Câmara de Gás* de Gabriel Cacho é uma obra que, pela sua perfeita estruturação, beleza e simplicidade de linguagem, profundo sentimento religioso, se pode, sem favor, inscrever entre as melhores do repertório teatral moderno. (BANDEIRA. In: CACHO, 1965, p. 7).

Diferentemente das produções intelectuais anteriores, isto é, das reportagens da revista *A Ordem* escritas por Alceu Amoroso Lima e da tradução de Hedwig Michael, a biografia escrita por Anna Maria Nabuco e a peça de teatro *Edith Stein na Câmara de Gás* são muito mais focadas em descrever a religiosa Santa Teresa Benedita da Cruz do que a filósofa Edith Stein, como podemos perceber pela escolha de personagens de Gabriel Cacho:

Edith Stein, Sra. Stein, Rosa Stein, Fotógrafo, A priora, A noviça, A mulher, Soror Isabel, Soror Teresa, Sacerdote, religiosa 1, religiosa 2, SS.1, SS.2, Franciscano, Velho 1, Velho 2, Velho 3, Comprador, oficial 1, oficial 2 e Prisioneiras Hebreias.( CACHO, 1965, p. 10).

Dessa forma, notamos que grande parte dos personagens está envolvida no período em que Edith estava vivendo descalça como carmelita no convento de Colônia, na Alemanha, e posteriormente no convento de Echt, na Holanda. Apesar de o enredo não focar no seu período filosófico, a recepção nos jornais brasileiros busca sempre destacar o papel de Stein como intelectual e como convertida:

Traduzida por Manuel Bandeira, saiu na coleção Diálogo da Ribalta a peça teatral de Gabriel Cacho 'Edith Stein na Câmara de Gás', que conta a bela e trágica vida de Edith Stein, judia, doutora em Filosofia, discípula do filósofo Husserl, convertida ao catolicismo e monja carmelita. Ela e sua irmã Rosa foram arrastadas do convento pelos oficiais da Gestapo e conduzidas para o campo de extermínio de judeus, e lá sacrificada na câmara de gás. A peça conta, através do relato de um fotógrafo alemão ambulante, e meio demente, que tinha sito fotógrafo do campo de concentração com a missão de fotografar todos os condenados antes de ingressarem na câmara de gás, o martírio da Dra. Edith Stein. É uma peça de grande beleza e de elevados sentimentos cristãos. (MORAES, 1965, p. 6).

Como podemos perceber pela reportagem do jornal Comércio do Rio de Janeiro, na edição de 24 de dezembro de 1965, na coluna "Gazetilha Literária", escrita por Santos Moraes, o enredo da peça é contado por um fotógrafo prisioneiro de campo que, ao fugir, encontra-se com três velhos que estão discutindo sobre o fim da Segunda Guerra, a reconstrução da Alemanha e a necessidade de uma restauração moral dos horrores do nazismo:

Velho2: Lutar tanto! ...Velho1: A Alemanha está-se erguendo das ruínas. Dizem que não se pode reconhecê-la. Velho 1: Estão reconstruindo tudo. Até os monumentos históricos. A casa de Goethe, que ruiu devido a uma bomba, foi reedificada. Tudo voltou a ser como antes, há paz. Velho3: E o muro da vergonha, hein? Velho 1: Tem sua explicação. Velho 3: Vá fritar bolinhos! Parece-lhe normal que uma mãe cumprimente de cabeça ou abraçe o filho olhando-o por um binóculo? (CACHO, 1965, p. 11).

Para aproximar o público na peça teatral, Gabriel Cacho começa o enredo da peça com a discussão dos Velhos em torno dos eventos que pertenciam ao cotidiano do espectador, isto é, as consequências da derrota da Alemanha, representadas pela sua reconstrução cultural; depois alegorizadas

pela reconstrução da casa de Goethe e dos monumentos históricos; e, por fim, referenciadas especialmente pela construção do Muro de Berlim. O propósito disso é, através dessa aproximação, evangelizar o público-alvo, como podemos observar no *Jornal do Brasil*, na coluna “Religião, Livros e Publicações”, de Martins Alonso, na qual o jornalista anuncia:

A Editora Vozes lança *A Igreja e o Mundo*, de François Heutart, da série Sociologia Pastoral (coleção Ceris), e Educação e Planejamento, da série Educar para a Vida. Da mesma editora é o volume 14 da coleção Diálogo da Ribalta, que apresenta *Edith Stein na Câmara de Gás*, uma obra teatral de grande beleza e profundo sentimento religioso. Seu autor, Frei Gabriel Cacho, é aquele jovem teatrólogo argentino que um dia deixou o teatrinho por ele imaginado e rumou para o claustro dos frades menores. O poeta Manuel Bandeira traduziu. A agir expõe Solidarismo, do Pe. Fernando Bastos de Avila, S.J., numa terceira edição revista e ampliada de outra obra do autor que teve os títulos: Neocapitalismo, Socialismo, Solidarismo e agora especifica e amplia os temas ventilados no trabalho anterior, reformulando as análises das correntes de inspiração capitalista e socialista, em função de suas problemáticas atualizadas. (MENDES, 1965, p. 22).

Do mesmo modo que na reportagem do *Jornal do Brasil* de 1965, a preocupação em evidenciar a realidade brasileira e ampliar o público permeou o universo teatral brasileiro a partir da segunda metade da década de 1950 e, sobretudo, durante a década 1960. Acreditamos que a escolha da atriz Cacilda Becker para o papel de Edith Stein pode ser compreendida como advinda da intensa atuação da atriz, que era presidente da União Paulista da Classe Teatral, na popularização do teatro brasileiro. Sobre as temáticas teatrais, ela afirmava: “É absurdo não tomarmos posição diante dos problemas relacionados com o nosso tempo. Não há possibilidade de neutralismo em relação à vida. E os problemas de agora não devem ser solucionados com ideias medievais.” (BECKER, 1961, p. 172).

Ao relatar a história de Edith Stein, o fotógrafo, não nomeado, começa descrevendo a sua função que o fez sobreviver no campo de concentração e como foi marcante para a sua vida a presença de Edith Stein:

Foi em Auschwitz, amanhecia... Mas para Edith era noite. Sua derradeira noite. Ia entrar na câmara de gás. Todos os prisioneiros, judeus ou não, que podiam ser úteis eram obrigados a servir. Para conservar a vida, uns retiravam os corpos das câmaras. Os corpos asfixiados de seus próprios irmãos.... Outros eram encarregados do transporte para os fornos. Eu era fotógrafo.... Um fotógrafo de Auschwitz... (Grande pausa). Hoje

sinto vergonha.... Tirei a última fotografia de Edith. Doutora em filosofia. Não podia ser útil no campo. Depois de eu fotografá-la, encaminhou-se lentamente para a câmara. Não tornei a vê-la. (CACHO, 1965, p. 20).

Outro ponto de destaque na recepção de *Edith Stein na Câmara de Gás* é o sucesso de crítica da peça, chegando o texto dramático a ser traduzido para outros países e, conseqüentemente, a ser encenado no exterior, segundo notamos na revista *Cultura Brotéria*, organizada pela ordem dos jesuítas de Lisboa, na edição de outubro de 1967, em texto escrito pelo religioso jesuíta João Mendes para a coluna “Vida Literária e as Estreias Teatrais”:

Edith Stein nasceu em Breslau, na Alemanha, em 12 de outubro de 1891. Os pais eram judeus. Foi aluna e colaboradora de Husserl, fundador da fenomenologia. A procura da verdade levou-a à Igreja Católica, onde foi admitida no dia primeiro de janeiro de 1922. Recebeu no batismo o nome de Teresa. (...) Gabriel Cacho evoca, nesta peça de teatro, a vida e a morte desta extraordinária carmelita, cuja conversão foi o primeiro passo de uma ascensão maravilhosa. Este dramaturgo começou muito jovem a dedicar-se ao teatro. É argentino de nação. Em 1957, ingressa na Ordem Franciscana. Enviado para a Faculdade Teológica Franciscana de Petrópolis, lá fundou, em 64, a coleção Diálogo da Ribalta da Editora Vozes. É ele o autor desta peça de teatro, que outro artista das letras, Manuel Bandeira, em boa hora traduziu na língua portuguesa, de que é mestre. Quando vermos nos palcos da nossa terra esta comovedora evocação da grande carmelita, que foi Edith Stein? (MENDES, 1967, p. 462).

Podemos compreender que a recepção de Edith Stein no Brasil ocorreu de maneira rápida, pois, apesar de ter sido assassinada na câmara de gás no campo de concentração de Auschwitz em 9 de agosto de 1942, já se apresentam reportagens sobre seu pensamento na revista *A Ordem*, sendo elas “Sor. Teresa Benedita da Cruz”, em 1948, escrita por Alceu Amoroso Lima, e posteriormente a tradução do artigo “Edith Stein, Mártir, Judia e Cristã”, escrito por Hedwig Michel na revista chilena *Estudios* de maio de 1950 e traduzido em 1952.

Portanto, “Edith Stein, Mártir, Judia e Cristã” é um exemplo de outra característica da recepção do pensamento steiniano, isto é, do papel da tradução e dos diálogos sobre a produção acadêmica em torno de Edith na América Latina. Estes ocorreram em especial no Chile, com Hedwig Michel, e na Argentina, com a peça *Edith Stein na Câmara de Gás*, escrita pelo argentino frei Gabriel Cacho.

Podemos compreender que durante a recepção de Edith Stein no Brasil foi marcado por uma utilização da biografia da intelectual, como representação de modelos de conversão como no livro de Maria Ana Nabuco no o livro *Edith Stein – Convertida, Carmelita, Mártir*, e posteriormente no desenvolvimento do projeto de biografia de santos e religiosos pelas editoras cristãs no Brasil como a editora Vozes , responsáveis pela divulgação da intelectual para o grande público através da peça *Edith Stein na Câmara de Gás* de Gabriel Cacho, revelando assim uma recepção fora das academias mais no âmbito da cultura.

### Referências

- ARDUINI, J. (1938) **Existencialismo**. In: *A Ordem*, Rio de Janeiro.
- AZZI, R. (1978) **O Episcopado brasileiro frente à Revolução de 30**. In: Síntese Política Econômica Social, n. 12, São Paulo.
- AZZI, R. (2003). **Os pioneiros do Centro Dom Vital**. Ed. EducaM/CAAL, Rio de Janeiro.
- CÂNDIDO, Antônio, CASTELLO, J. (1964). **Presença da literatura brasileira. História e Antologia. Modernismo**. Ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- CARNEIRO, M. L. T. (1995) **O anti-semitismo na Era Vargas**. Ed. Brasiliense, São Paulo.
- CARRAZZONI, A. (1950) **Edith Stein-Uma judia mártir por seus ideais católicos**, In *Jornal do Dia*, Porto Alegre.
- CARRAZZONI, A. (1950) **Edith Stein-Uma judia mártir por seus ideais católicos**, In *Jornal do Dia*, Porto Alegre.
- CHACON, V. (2010) **O pensamento orgânico chileno: realismo**. In: Coleção Austregésilo de Athayde, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro.
- CURY, C. R. J. (2010) **Alceu Amoroso Lima**. Editora: Massangana, Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- EYZAQUIRRE, J.(1992) Elementos de Ciencia Económica. Editorial Universo, Santiago. In: Ruiz, C. (1992) —**Tendencias del Pensamiento Político de la Derecha Chilena en El Discurso de la Derecha Chilena**. Ediciones Chile América, Santiago.
- GÓNGORA, Á. (1990) Jaime Eyzaguirre- En su tiempo. In: **Anuário de filosofia, história e letras**. Viña del Mar.
- GROPPO, C. M. (2007) **Ordem no céu, ordem na terra: A revista “A Ordem” e o ideário anticomunista das elites católicas (1930-1937)**. Ed.PUC-SP, São Paulo.

- KUSANO, M. B. (2014) **A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia**. Ed: Ideias & Letras, São Paulo.
- LIMA, A. A. (1929) Obedecendo. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro.
- LIMA, A. A. (1935) A igreja e o momento político. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro.
- LIMA, A. A. (1938) O nacionalismo cristão. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro.
- LIMA, A. A. (1948) Sor. Teresa Benedita da Cruz. In: **A Ordem**, Rio de Janeiro.
- MICELI, S. (1979). **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**, São Paulo.
- MICELI, S. (2001). **Intelectuais à brasileira**. Ed. Cia das Letras, São Paulo.
- MICHEL, H. (1952) **Edith Stein, mártir judia e cristã**, In: **A Ordem**, Rio de Janeiro.
- MIRIBEL, E. (2006) **Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo**. 3ª edição. Aparecida, SP: Santuário, São Paulo.
- RODRIGUES, C. M. (2005) **A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)**. Edit. Autêntica/Fapesp, Belo Horizonte
- STEIN, E. (2003) **Carta a Emil Vierneisel**. In: **Stein, E. Obras completas (espanhol). Conferências (1926 – 1933)**. Ed. Monte Carmelo, Burgos.
- STEIN, E. (2003) **O intelecto e os intelectuais**. In: **Stein, E. Obras completas (espanhol). Conferências (1926 – 1933)**. Ed. Monte Carmelo, Burgos.
- STEIN, E. (2018) **Vida de uma Família Judia e outros escritos autobiográficos**, trad. Wollny, Maria do Carmo Ventura e KIRCHNER, Renato. Ed: Paulus, São Paulo.
- VELLOSO, M. P. (1978) **A Ordem: Uma Revista de Doutrina, Política e Cultura Católica**. Rio de Janeiro.
- VELLOSO, M. P. (1978) **A Ordem: Uma Revista de Doutrina, Política e Cultura Católica**. Rio de Janeiro.
- WILCKENS, R. K. **El pensamiento histórico de Jaime Eyzaguirre. (1995)**. In: **Jaime Eyzaguirre (Historia y pensamiento)**, Editorial Universitaria-Universidad Alonso de Ovalle, 1995, Santiago.